

Que “corpo” é esse *de Preciado*? (Ou que corpos depreciados são esses?)

Rafael Haddock-Lobo ¹

*Addo hîc ipsam Corporis humani fabricam, quae artificio
longissimè superat omnes, quae humanâ arte fabricatae sunt.*
(Espinosa, *Ética*. Parte III, Proposição II)

O desafio que se apresenta na motivação desse texto consiste não apenas na complexidade das referências que ganham corpo na teoria contrassexual, sobretudo quando nos preocupamos em tratar do problema da materialidade dos corpos. Derrida, Foucault, Butler, Wittig, Haraway, Despentes, Deleuze, Artaud, e outras e outros, se encontram nessa encarnação de retalhos que é o *Manifesto contrassexual*. Nesse sentido, a fim de apresentar aqui um texto em torno da concepção contrassexual de “corpo”, parece necessário, em primeiro lugar, levar em consideração a *fragmentação*. Além dessa dificuldade, sabemos que a multiplicidade e a não-organicidade ou *des-organização* precisam ser elementos levados em consideração na própria construção desse corpo-texto, cuja única referência epistemológica possível encontra-se no Moderno Prometeu. Dessa maneira, satisfaço-me aqui com a ideia de simplesmente apresentar alguns dos

1 Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRJ, coordenador do Laboratório KHÔRA de Filosofias da Alteridade e Autor de *Da existência ao infinito: ensaios sobre Emmanuel Lévinas* (PUC-Rio/Loyola), *Derrida e o labirinto de inscrições* (Zouk) e *Para um pensamento úmido – a filosofia a partir de Jacques Derrida* (PUC-Rio/Nau) e *Experiências abissais – ou sobre as condições de impossibilidade do real* (Via Verita). E-mail: outramente@yahoo.com.



membros costurados desse Frankenstein de látex que encontro ao longo dessa obra artificial e magnânima que é o *Manifesto contrassexual*².

*

Como epígrafe, tomo uma parte da *Ética* de Espinosa que se encontra no Escólio da Proposição II, Parte III – Dos Afetos. O trecho em destaque segue-se à célebre frase que marca uma tradição de leitura que liga Espinosa a Deleuze, passando por Nietzsche: “Com efeito, ninguém até aqui determinou o que o Corpo pode (*quid Corpus possit*)”. Certamente, essa questão “o que pode o corpo?” também poderia ser a linha de costura desses fragmentos, entretanto, minha opção aqui consiste em, apenas como mote, grifar uma palavra estranha que se encontra duas páginas à frente da célebre pergunta, já insistentemente trabalhada. Na tradução coordenada por Marilena Chaui, lê-se o seguinte: “Acrescento aqui a própria estrutura do Corpo humano, que de muito longe supera *em artificio* tudo o que é fabricado pela arte humana”³. E é sobre esse *artificio*, aqui grifado e que parece ligar Espinosa a Preciado, passando por Derrida, Butler e Haraway, entre outras, que gostaria aqui de me *demorar*⁴.

*

2 Preciado, Beatriz. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014 (Referido como MC).

3 Espinoza, *Ética*. Trad. Grupo de Estudos Espinosanos (Coord. Marilena Chaui). São Paulo: EdUSP. 2015.

4 Remeto aqui à tradução proposta por Carla Rodrigues e Flávia Trocoli para *Demeure*, de Derrida (*Demorar*. Maurice Blanchot. Florianópolis. Edusc, 2015. Sobre o termo, conferir o artigo de Carla Rodrigues “Memorar, me-morar, demorar”, in: *Ensaio Filosóficos*, v. XIII, 2016, Disponível em: www.ensaiosfilosoficos.com.br/anterior.htm.



Fragmento um: corpos escritos

No momento de reler essas provas impressas vejo na televisão este filme japonês, cujo título ignora e que conta a história de um artista de tatuagem. A sua obra-prima: uma tatuagem inaudita com que ele cobre as costas da mulher fazendo amor com ela, por trás, quando compreendeu que tal era a condição do seu “*ductus*”. Vemo-lo cravar a ponta de sua pluma acerada, enquanto a mulher, deitada de bruços, vira para ele num olhar suplicante e dolorido. Ela deixa-o por causa dessa violência. Mas envia-lhe mais tarde, sem que ele o reconheça logo, o filho que carregava dele, para que ele faça dele, por sua vez, um mestre de tatuagem. Doravante, o pai artista não poderá fazer obra, nas costas de uma outra mulher, senão deitando-a em cima do filho, um filho belo como um deus, um filho que ele ainda não reconheceu, mas que chama pelo nome a cada momento de dor intensa, e este apelo é uma ordem para, em compensação, ele dar mais prazer à jovem mulher, suporte ou sujeito da operação, substrato sofredor, paixão da obra-prima. O desenlace é terrível, não o contarei, mas só a mulher sobrevive, e portanto a obra-prima. E a memória de todas as promessas. A esta obra-prima que ela porta, ela não pode vê-la, não diretamente e sem espelho, mas ela subsiste como a própria mulher, pelo menos durante algum tempo. Para sempre por um tempo finito, evidentemente.⁵

Esse longo trecho, que opto por reproduzir aqui integralmente, consiste em uma instigante nota de rodapé que Derrida introduz em seu *Monolingüismo do outro*, pouco antes de sua publicação. A nota, que poderia, só ela, render um artigo (pois trata de tantas questões que aqui nos interessam, como a escrita e a carne, a tinta e o sangue, a mulher e a obra, a falibilidade do falo, a herança e os espectros), entra em cena na obra derridiana no momento em que o autor fala da marca nele cunhada pela cultura francesa. Frases como “arpoado pela literatura e pela filosofia francesas”, “flechas de metal ou de madeira”,

5 Derrida, Jacques. *O monolingüismo do outro ou a prótese de origem*. Belo Horizonte: Chão da feira, 2016, p. 85 (Referido como MO).



“corpo penetrante de palavras”, crivam em Derrida o desejo de deixar, ele também, sua marca na língua e na cultura francesas.

Esse seria o sonho do escritor Derrida, e tal a forma de seu *cortejo*, na inveja e no amor, no ressentimento e na dor, como “um hóspede incompreensível” ou “um chegante sem origem assinalável”, que obrigaria ela, a língua, a falar *na sua língua* de outro modo. Derrida escreve: “A falar sozinha. Mas para ele e segundo ele, guardando ela no seu corpo o arquivo inapagável desse acontecimento: (...) uma tatuagem, uma forma esplêndida, escondida debaixo da roupa, em que o sangue se mistura com a tinta para a fazer ver de todas as cores. O arquivo encarnado de uma liturgia de que ninguém trairia o segredo” (MO 84-85).

Seria interessante sublinhar, pouco tempo após a comemoração do cinquentenário da publicação da *Gramatologia*, esse aspecto interessante do entrelaçamento da escrita e da carne que se tatua na letra de Derrida. E opto por começar aqui por Derrida, não apenas por questão de homenagem, mas pelo fato de a desconstrução poder ser considerada um ponto de partida não só em minha trajetória, como também na de Preciado. Pelo menos três das obras principais de Preciado são marcadas pelo *rastro* de Derrida⁶: *Pornotopias*, fruto do doutorado em arquitetura em Princeton que Derrida leva Preciado a fazer; *Manifesto contrassexual*, um livro escrito para Derrida que parece responder às conversas que ambos tinham ao longo da estada de Preciado em Paris, que incluíam a conversão

6 A importância de Derrida ao pensamento da contrassexualidade fica explícito na entrevista “Um bem precioso”, disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/40931-um-bem-precioso-entrevista-com-beatriz-preciado>.



religiosa de Santo Agostinho como uma espécie de transexualidade; e *Texto yonqui*, cuja epígrafe remete ao imperativo de Derrida para se sexualizar a filosofia⁷. Mas que corpo seria esse – de Derrida?

Muitas críticas endereçadas a Derrida, desde as de Foucault, que o acusaria (injusta ou ingenuamente) de uma espécie de textocentrismo (devido à tão mal-interpretada frase que diz que “il n'y a pas de hors-texte”⁸), passando por Teresa de Lauretis⁹ e, mesmo com todas as homenagens, chegando a Preciado, insistem justamente no aspecto de que a desconstrução permaneceria ainda presa ao nível dos discursos (valeria notar que essa mesma crítica, Preciado endereça não apenas a Derrida, mas também a Foucault e Butler – e um de meus objetivos aqui seria o de mostrar em que medida essa crítica é *ao mesmo tempo* justa e injusta. A infidelidade fiel de Preciado, fórmula mais do que derridiana, consiste em ver em que medida tais pensamentos abrem um espaço fundamental ao novo e, ao mesmo tempo, permanecem nos limites daquilo que criticavam. Daí a necessidade de desconstruí-los).

A questão que poderia nos conduzir nesse primeiro membro – artificial – dessa tessitura, seria, então: existe corpo em Derrida? Onde há corpo quando só há escrita?

7 Questão: “Se você pudesse ver um documentário sobre um filósofo, sobre Heidegger, Kant ou Hegel, o que é que você gostaria de ver nele? Resposta: Que eles falassem de sua vida sexual... *You want me a quick answer? Sua vida sexual*” (Jacques Derrida, in: *Derrida*, documentário de Kirby Dick e Amy Kofman, 2002), *Apud* Preciado, Paul B. *Texto Yonqui: sexo, drogas y biopolítica*. Buenos Aires: Paidós, 2017 (Referido como TY).

8 Sobre isso, remeto ao meu artigo “Derrida e a oscilação do real”, in: *Sapere Aude*, Vol. 4, n. 7, 2013. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/5485>.

9 Cf. De Lauretis, Teresa. “A Tecnologia do gênero”, in: Hollanda, Heloísa Buarque. *Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.



Poderia, então, começar, como faz Derrida colocando a questão do real e da ficção¹⁰, problematizando as bases ontológicas que pressupõem a oposição entre corpo e texto, entre escrita e carne, entre tinta e sangue. E Derrida, em sua *Gramatologia* (ainda que sexualizada por Preciado, mas antes mesmo já lida por Butler e Haraway), talvez tenha sido o primeiro a embaralhar esses limites. Basta lembrar as vezes em que o filósofo exemplifica tal limite estranho tomando como exemplo a sua própria circuncisão – marca da cultura na sua pele.

É justamente a partir dessa leitura que problematiza a distinção entre natureza e cultura que Preciado parece enxergar a grande “descoberta” de Derrida, que ele/ela viria a chamar de “dildo”¹¹. Então, deixemos a própria prótese textual de Preciado responder à questão de como a contrassexualidade herda esses restos mortais da desconstrução.

*

Logo nas primeiras páginas, o *Manifesto contrassexual* apresenta seu pensamento a partir da necessidade de desconstruir as oposições binárias e hierarquizantes que marcariam as teorias do sexo e do gênero (MC 22), afirmando, logo em seguida, sua máxima que diz que “no princípio há o dildo”, e explica: “a contrassexualidade recorre à noção de 'suplemento' tal como foi formulada por Jacques Derrida (1967) e identifica o dildo como o suplemento que produz aquilo que supostamente deve completar” (MC 23). Se, para Derrida, a escrita,

10 Cf. Meu texto supracitado.

11 Sobre as principais noções do pensamento de Preciado, encontrados no *Manifesto contrassexual*, indico meu artigo “Preciado e o pensamento da contrassexualidade (uma prótese de introdução)”, in: Revista Trágica, vol. 9, n. 2, 2016. Disponível em: <http://www.tragica.org/volume-9-numero-2/>.



pensada a partir dessa lógica do suplemento, é o que ataca o coração da oposição natureza/cultura e a primazia do primeiro conceito com relação ao segundo, o mesmo valeria para o dildo, nome protético e plástico da economia apontada por Derrida em *Gramatologia*.

A relação entre dildo e escrita (ou escritura, como preferem alguns tradutores), fica bem clara quando, poucas páginas à frente, Preciado escreve que “o sistema sexo/gênero é um sistema de escritura” (MC 26). Mas qual relação teria isso com o corpo? Preciado responde:

O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e de recitação dos órgãos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais (MC 26).

É nesse sentido que o imperativo de uma “dildologia” ou uma “dildotectônica”, parte, como Derrida já havia previsto, da urgência de se “sacudir as tecnologias der escritura do sexo e do gênero” (MC 27). Ou seja, desconstruí-las.

A dildotectônica é a contraciência que estuda o surgimento, a formação e a utilização do dildo. Ela localiza as deformações que o dildo inflige ao sistema sexo/gênero. Fazer da dildotectônica um ramo prioritário da contrassexualidade supõe considerar o corpo como superfície, terreno de deslocamento e de localização do dildo. (...) É possível também generalizar a noção de “dildo” para reinterpretar a história da filosofia e



da produção artística. Por exemplo, a escritura, tal como foi descrita por Derrida, não seria senão o dildo da metafísica da presença. (MC 49-50).

Interessante notar que no capítulo justamente dedicado ao filósofo franco-magrebino, Preciado se refere muito pouco a Derrida. Mas essa é uma pista crucial e à qual, em outro lugar, procurei me dedicar¹². O que nos interessa aqui, explicitamente no que concerne à “lógica do dildo ou as tesouras de Derrida”, são as questões norteadoras que Preciado enumera logo no início do capítulo: “Onde se encontra o sexo de um corpo que usa um dildo? O dildo, em si, é um atributo feminino ou masculino? Onde transcorre o gozo quando se transa com um dildo? Quem goza?” (MC 71-72).

Se, antes, Derrida teria sugerido a Preciado ensaiar suas pesquisas no campo da arquitetura (o que quer dizer que Derrida orientava a então jovem Beatriz a atentar para o caráter de construção espacial quando o assunto a ser estudado são os corpos), parece que aqui, Paul retorna a Derrida mostrando a ele como a lógica do suplemento é fundamental para se pensar a sexualidade, a normatividade e a corporalidade. Não é à toa que em “Aprendendo sobre o dildo”, um subcapítulo das “Tesouras...”, a relação dildomartelo, na qual Preciado assume as heranças nietzschianas de seu gesto, faz-se marcar por intermédio de Derrida. Do martelo ao dildo e dos tímpanos ao ânus¹³, o caminho percorrido pela escrita contrassexual uma vez mais apela à *Gramatologia* de Derrida. O

12 Sobre isso, remeto a meu artigo “Quando as aspas se tornam tesouras: Preciado sobre Derrida sobre Nietzsche”, in: *Deleuze, desconstrução e alteridade*, organizado por Adriano Correia, Rafael Haddock-Lobo e Cíntia Vieira da Silva. São Paulo: ANPOF, 2017. Disponível em: <http://anpof.org/portal/index.php/pt-BR/2014-01-07-15-22-21/colecao-xvii-anpof>.

13 Cf. Meu texto supracitado.



impacto que a morte de Deus teve para o pensamento, diz Preciado, é o mesmo que o dildo representa para as teorias da sexualidade: o fim do pênis como origem da diferença sexual (MC 80).

E, nesse momento, há uma menção (a única, pois as outras são todas elípticas) ao que isso tudo teria a ver com as tesouras de Derrida.

Para desmascarar a sexualidade como ideologia, é preciso compreender o dildo (seu corte do corpo) como centro de significação diferido. O dildo não é um objeto que substitui uma falta. Trata-se de uma operação que acontece no interior da heterossexualidade. Digamos mais uma vez, o dildo não é só um objeto, é também, estruturalmente, uma operação de recortar-pegar: uma operação de deslocamento do suposto centro orgânico de produção sexual para um lugar externo ao corpo. (...) Tudo é dildo, inclusive o pênis. (MC 80-81).

Aqui, uma vez mais, Preciado recorre à definição de “suplemento” de *Gramatologia*. Para ele/ela, o dildo seria um exemplo paradigmático – essas são suas palavras – do que significaria a periculosidade do suplemento na gramato-lógica. Ou seja, o processo descrito por Derrida, em suas leituras da relação natureza/cultura em Rousseau (que descreve como aquilo que, aparentemente, surge como um substituto à coisa original e que, acaba, aos poucos, por denunciar a precariedade do original, desconstruindo inclusive, e sobretudo, a noção de origem), ganha corpo na teoria de Preciado (um corpo plástico, é importante sublinhar), e termina por mostrar como o pensamento de Derrida (uma “operação de corte”, segundo Preciado), se pensado em termos corpóreos, passa a ser fundamental para o “processo de desconstrução do órgão-origem” (MC 82).



A relação Preciado-Derrida, com relação a esses gestos dildológicos, suporia pensar algumas outras relações, como a Preciado-Nietzsche ou a Derrida-Nietzsche (e essa parece ser a pista que ela nos indica graficamente no capítulo seguinte, quando faz coincidir os símbolos das tesouras com os das aspas, remetendo o leitor, imediatamente, à leitura que Derrida empreende de Nietzsche em *Esporas*). Caberia, se pretendesse esgotar por completo a relação Preciado-Derrida, no que diz respeito ao corpo, passear por tantos outros indecíveis ou quase-conceitos, como diz o filósofo francófono: não apenas, de modo algum, a escrita ou escritura que se mescla com sangue e se marca na carne, no pênis, na pele; nem mesmo o suplemento que se plastifica em látex e que desordena a ereção do rei, do pai, do falo; mas também as esporas, as aspas, os élitros – que marcam Derrida com o ceticismo feminino de Nietzsche (as tesouras de Derrida, como na posição sexual lésbica na qual a penetração não ocorre); como o fármaco – que marca a oscilação entre o vício e a cura, e que Derrida aprende com Platão (para Preciado, a maneira dildológica de se ler o orgasmo (MC 115), configurando sua *fármaco-política*); os espectros – que Derrida herda de Marx e aos quais Preciado invoca em seu conjuro: “É exatamente nesse reino da naturalidade do pênis que o dildo irrompe como 'um espectro vivo'” (MC 144).

E, talvez sobretudo, nesse acento empírico-materialista que a contrassexualidade confere à desconstrução (guardando dela o que há de suplementar e artificial), há ainda um quase conceito ao qual Preciado pouco ou quase nada alude, mas que parece significativo e se encontra no subtítulo da obra com a qual abrimos essa sessão: *O monolinguismo do outro ou a prótese de origem*.



Talvez, e *sobretudo*, a noção de “prótese”, que marca o corpo norte-africano de Jackie e que dá, tira, e dá novamente sua nacionalidade (como o “*enter the ghost, exit the ghost, reenter the ghost*”, que escreve Shakespeare em *Hamlet*), essa prótese de subjetividade seja o que mais marque o percurso filosófico de Beatriz-Paul-Paul-Beatriz Preciado:

Entretanto, desfruto do que tenho. O prazer único de escrever em inglês, em francês, em espanhol, de caminhar de uma língua a outra como transito da masculinidade à feminilidade à transexualidade. O prazer da multiplicidade. Três linguagem artificiais que crescem emaranhadas, que lutam para converter-se ou não converter-se em uma só língua. Mesclando-se. Encontrando sentido apenas nessa mescla. Produção entre espécies. Escrevo sobre o que mais me importa em uma língua que não me pertence. Isso é o que Derrida chamava o monolinguismo do outro. Nenhuma das línguas que falo me pertence e, sem embargo, não há outro modo de falar, não há outro modo de amar. Nenhum dos sexos que incorporo possui densidade ontológica e, sem embargo, não há outro modo de ser corpo. Desposseção na origem. (TY 114).

*

Fragmento dois: corpos gays

Ao contrário, os usos do corpo serão aqueles que podemos definir como dessexuados, como desvirilizados, seja o *fist-fucking* ou outras fabricações extraordinárias de prazer que os americanos atingem com o auxílio de certo número de drogas ou de instrumentos (...) para se inventar, para se permitir fazer de seu corpo masculino um lugar de produção de prazeres extraordinariamente polimorfos, afastados das valorizações do sexo e, particularmente, do sexo másculo.¹⁴

O trecho acima encontra-se na entrevista “*Le gay savoir*”, concedida por Michel Foucault a Jean Le Bitoux em julho de 1978 (e, surpreendentemente, não incluída nos *Dits et Écrits*).

14 Foucault, Michel. “Le gay savoir”. In: Revista Ecopolítica, no. 11 (Janeiro/abril de 2015). PUCSP, p. 9. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/23545>.



A homofonia do título original brinca com a obra de Nietzsche (*Le gai savoir* na tradução francesa), e pode até mesmo fazer repensar o caráter “fresco” do original, *Die fröhliche Wissenschaft*.

A frescura ou a jovialidade científica, o saber alegre ou gaiato, a *viadagem* com a qual brinca Foucault, pode parecer interessante a ser aqui pensado, por duas razões (possivelmente as duas críticas silenciosas que Preciado dirige ao filósofo francês): em primeiro lugar, pelo fato de, em sua obra – apesar de sua homossexualidade assumida – Foucault nunca ter tratado como tema o seu lugar como intelectual gay; em segundo lugar, por fazer referência às suas experiências em São Francisco, que, segundo Preciado, teriam sido fundamentais às suas reflexões em torno da sexualidade e que entretanto não aparecem em seus escritos.

Com e contra Foucault, sem se ater ao sim nem ao não, ou contra mas a partir de Foucault, Preciado assume, aqui também, a infiel fidelidade que aprendera com Derrida. Nesse sentido, creio aqui explicitar três aspectos, incluindo os dois acima citados, que fazem com que a herança foucaultiana do *Manifesto* ganhe rumos tão interessantes para aquilo que aqui nos interessa. A ausência de referências às suas experiências em São Francisco, faz com que Foucault caia num problema muito comum aos filósofos, uma aparência de neutralidade ou cientificidade (histórica, no caso). Contudo, parece que Preciado precisa sublinhar a importância da descoberta de infinitas possibilidades de relações sexuais que Foucault descobre quando abandona o meio gay parisiense (que seria muito conservador naquela época, segundo o próprio). Chegar a São Francisco e experimentar roupas de couro, chicotes, dildos, *fist-fucking*, parece abrir radicalmente as



especulações foucaultianas para uma nova possibilidade de resistência corporal – e, além disso, todas essas culturas sexuais recolocam, de modo único, à questão do que pode o corpo.

Para Preciado, “como, por exemplo, entender as 'tecnologias do eu' sem pensar na experiência de Foucault nas comunidades sadomasoquistas de São Francisco?”¹⁵. Essa simples frase pode ser vista como ponto de partida para os três elementos que queria aqui destacar: 1. As teorias da sexualidade devem partir de uma certa experiência (“certa forma de materialismo ou empirismo radical *queer*”, MC 95); 2. As experiências dizem respeito aos problemas impostos por nosso tempo (e aqui a crítica a Foucault dirigir-se-ia no sentido de que, se foram suas experiências californianas que o levaram a repensar a sexualidade, porque se abstrair em uma história da filosofia antiga?¹⁶); e 3. As experiências radicais de resistência não podem se referir apenas à subjetividade – elas, para serem de tal modo radicais como indica Preciado, precisam ser experimentadas *coletivamente*, não por um “si mesmo”.

Essa tríplice herança/crítica é o que coloca Foucault como uma referência fundamental desde as primeiras páginas do *Manifesto*. Foucault, no sentido *pornotópico*,

15 Preciado, Beatriz. Entrevista com Jesús Carrillo, in: Revista Poiésis, n. 15, 2010, p. 17. Disponível em: <http://www.poesis.uff.br/sumarios/sumario15.php?ed=15&title=ARTE%20E%20G%CANERO>.

16 Essa crítica parece bem mais pontual quando Preciado compara Foucault às pesquisas de Gayle Rubin sobre os corpos e objetos sexuais: “Gayle Rubin que, ao contrário de Foucault, não teve medo de adotar os modos de produção do capital e da cultura popular como referência, em vez de se voltar aos gregos, aponta a possibilidade de considerar a sexualidade como parte de uma história mais ampla das tecnologias (...) Trata-se, portanto, de repensar tanto o S&M quanto o fetichismo não mais como perversões marginais à sexualidade 'normal' dominante, e sim como elementos essenciais da produção moderna do corpo e das relações deste com os objetos manufaturados. Desse modo, a história da sexualidade se desloca do âmbito da história natural da reprodução para fazer parte da história (artificial) da reprodução” (MC 97-98).



talvez tenha sido, para Preciado, o primeiro *arquiteto dos corpos*, mostrando como sua conformação se dá a partir de práticas que docilizam o corpo para governá-los. E não seria o mesmo com a sexualidade? Daí, bem ao estilo das contraculturas, Preciado vê Foucault como um precursor da contrassexualidade e, ao se perguntar “o que é a contrassexualidade?”, Preciado responde, com acento fortemente foucaultiano: “não é a criação de uma nova natureza, pelo contrário, é mais o fim da Natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outro” (MC 21). E, mais à frente, assume:

O nome contrassexualidade provém indiretamente de Michel Foucault, para quem a forma mais eficaz de resistência à produção disciplinar da sexualidade em nossas sociedades liberais não é a luta contra a proibição (...), e sim a contraprodutividade, isto é, a produção de formas de prazer-saber alternativas à sexualidade moderna (MC 22).

Seguindo uma linhagem que, sob esse aspecto, parte de Foucault, passando por Teresa de Lauretis, chegando a Donna Haraway e Judith Butler, a contrassexualidade (como vimos, sob o prisma dildológico ou dildotectônico, herdado da desconstrução) tem como seu “objeto” de estudo as “transformações tecnológicas dos corpos sexuais e *generizados*” (MC 24) – e daí a importância das heranças de Monique Wittig (análises da heterossexualidade como regime político), de Foucault (a pesquisa dos dispositivos sexuais modernos), Butler (as análises da identidade performativa) e Haraway (a política do ciborgue). Foucault, nesse sentido, seria o precursor dessa possibilidade de se pensar biopoliticamente o sexo em sua relação direta com a produção maquínica de corpos sexuais.



Para Preciado, a noção foucaultiana de tecnologia ultrapassa qualquer concepção reducionista de técnica. Não se trata, de modo algum, de um conjunto de objetos, instrumentos ou qualquer outra coisa dessa espécie, mas sim de “um dispositivo complexo de poder e de saber que integra os instrumentos e os textos, os discursos e os regimes do corpo, as leis e as regras para a maximização da vida, os prazeres do corpo e a regulação dos enunciados de verdade” (MC 154)¹⁷. Além disso, é graças à entrada em cena da noção de técnica em Foucault que o problema da subjetividade é ressituated. A relação entre técnica de si e poder permite a Foucault afastar-se de qualquer forma de concepção de sujeito soberano ou autônomo, pensando o assujeitamento, desde então, de modo local e determinado. E são, portanto, essas tecnologias que interessam a Preciado para pensar esse “micropoder artificial e produtivo (...) que circula em cada nível da sociedade” (MC 156). Ou seja, central à própria estrutura do pensamento/prática contrassexual:

A forma mais potente de controle da sexualidade não é, logo, a proibição de determinadas práticas, mas a produção de diferentes desejos e prazeres que parecem derivar de predisposições naturais (homem / mulher, heterossexual / homossexual etc.), e que serão finalmente reificadas e objetivadas como “identidades sexuais”. As técnicas disciplinadoras da sexualidade não são um mecanismo repressivo, e sim estruturas reprodutoras, assim como técnicas de desejo e de saber que geram as diferentes posições de sujeito de saber-prazer (MC 156).

Interessante aqui notar que nesse momento, já chegando ao final do livro, Preciado parece, com essa citação, justificar as primeiras palavras nas quais definiu, bem antes, a

17 Logo em seguida a esse elogio da noção de tecnologia, Preciado retorna à crítica com respeito à elipse californiana: “É nesse momento, no final dos anos setenta, que Foucault volta obsessivamente à ideia de técnica: Canguilhem em demasia ou *fist-fucking* em demasia nas *backrooms* de São Francisco? A questão continua aberta e será o objeto de uma pesquisa contrassexual ulterior” (MC 154).



contrassexualidade. A noção de técnica, retirada de Foucault, em seu percurso que passa por De Lauretis, Haraway e Butler, é justamente aquilo que impulsiona Preciado a adotar o termo contrassexualidade, como forma de resistência à produção disciplinar (MC 22).

Contudo, e aqui as experiências que motivaram Foucault mas não entraram em sua letra (sobretudo a “novidade” californiana das práticas de S&M), parecem fazer Preciado radicalizar ainda mais aquilo que, para ele/ela, representaria a real possibilidade de resistência, que, certamente em sua concepção, nada tem a ver com uma estética de si. Os mecanismos de contraprodução sexual precisam ser sempre coletivos, nunca individuais. Se a sexualidade heteronormativa incide bruscamente sobre os corpos, cunhando-os como corpos sexados (o que se dá, sobretudo, pela sexualização dos órgãos reprodutivos), isso se dá sempre no nível de uma certa cultura. Podemos dizer que se é a sociedade que molda os corpos, apenas uma contracultura poderá recunhá-los ou ressignificá-los. Tal resistência, portanto, nunca pode ser pensada no nível subjetivo, seja esse sujeito soberano ou não, autônomo ou assujeitado, mas sim no âmbito de uma *sociedade contrassexual*.

É nesse espaço de paródia e transformação plástica que aparecem as primeiras práticas contrassexuais como possibilidades de uma deriva radical com relação ao sistema sexo/gênero dominante: a utilização de dildos, a erotização do ânus e o estabelecimento das relações contratuais S&M (sodomasoquistas), para citar ao menos três momentos de mutação pós-humana do sexo. (...) A prática do *fist-fucking* (penetração do ânus com o punho), que conheceu um desenvolvimento sistemático no seio da comunidade gay e lésbica a partir dos anos setenta, deve ser considerada como um exemplo da alta tecnologia contrassexual. Os trabalhadores do ânus são os novos proletários de uma possível revolução contrassexual (MC 31).

E, por fim:



As práticas S&M, assim como a criação de pactos contratuais que regulam os papéis de submissão e dominação, tornaram evidentes as estruturas eróticas de poder subjacentes ao contrato que a heterossexualidade impôs como natural. Por exemplo, se o papel da mulher no lar, casada e submissa, reinterpreta-se constantemente no contrato S&M, é porque o papel tradicional “mulher casada” supõe um grau extremo de submissão, uma escravidão em tempo integral e para a vida toda. Parodiando os papéis de gênero naturalizados, a sociedade contrassexual se faz herdeira do saber prático das sociedades S&M, e adota o contrato contrassexual temporal como forma privilegiada para estabelecer uma relação contrassexual (MC 32-33).

A proposta, portanto, de uma “sociedade contrassexual”, levando em consideração que a relação sexual é sempre uma relação de poder, precisa sustentar-se por meio de contratos, que precisam ser assinados já com seu fim previsto (pois os papéis nas relação de poder sexual sempre tendem a se solidificar), marcando o caráter artificial e provisório de todo contratualismo. Não há relação não violenta, e tanto mais violenta é a relação quanto mais natural ou duradoura (por vezes “até que a morte separe”) ela pretende ou dissimula ser.

*

Alguns anos mais tarde, em *Testo yonqui*, revisitando o que ela chama de “História da tecnossexualidade” (TY 63-74), o já autor, no masculino, Paul B. Preciado relê sua teoria contrassexual, afirmando que toda sua leitura da *História da sexualidade* de Foucault, como uma *sexopolítica* mais do que como uma biopolítica, deve-se tanto mais às influências de Butler e Wittig. E no que diz respeito a essa última, devemos fazer uma breve pausa para pensar em que medida a noção do “corpo lésbico” de Wittig é fundamental para a teoria contrassexual.



Em meio ao corpo gay de Foucault, esbarramos por diversas vezes com a referência (algo entre um contraponto e um complemento) a Monique Wittig. Ao dizer que “a contrassexualidade se inscreve na genealogia das análises da heterossexualidade como regime político” (MC 24), Preciado parece precisar em que medida o pensamento da escritora francesa é libertador no que concerne ao corpo (em especial, é claro, ao corpo lésbico). A presença de Wittig no pensamento contrassexual – ainda que, dentre os nomes aqui elencados, seja talvez o que menos aparece – é de tal modo impactante que Preciado chega a propor o conceito “wittigs” para se referir aos corpos falantes ou pós-corpos na sociedade contrassexual (MC 43).

Essa nova concepção de corpo, o “wittig”, parte justamente das polêmicas afirmações de Monique de que o corpo lésbico não é um corpo feminino ou que as lésbicas não têm vaginas¹⁸. Para Preciado, as frases fortes e cortantes da escritora e lésbica radical indicam que “dada a relação causa-efeito que une os órgãos e as práticas sexuais em nossas sociedades heteronormativas, a transformação radical das atividades sexuais de um corpo implica de algum modo a mutação dos órgãos e a produção de uma nova ordem anatômico-política” (MC 135). Isto quer dizer que, ao não se adequar ao que se espera de um corpo feminino, ou seja, ao recusar o papel de mulher como fêmea-mãe, esse novo corpo, o lésbico, redefine-se ontologicamente como algo outro, não previsto na economia heterossexual da natureza.

18 Cf. Wittig, Monique. *Le corps lesbien*, Paris: Minuit, 1976.



No confronto do corpo lésbico com o pensamento *straight*, Wittig descreve a heteronormatividade não apenas como uma prática sexual, mas como um “regime político que faz parte da administração dos corpos e da gestão calculada da vida no âmbito da biopolítica”¹⁹, e, junto a Foucault, permite a Preciado pensar a tecnologia de produção dos corpos *straight*, “uma divisão do trabalho da carne, segundo a qual cada órgão é definido por sua função” (MQ). Não obstante, aqueles outros corpos que escapam à maquinaria (hetero)normativa, são, por um lado, indicados como abjetos, anormais e apontados como desviantes da norma; por outro, esse desvio marcaria tão somente a impossibilidade de retidão ou *straightness* de qualquer cunhagem corporal – a máquina sexual é, ela própria, produtora de desvios, sendo a sexualidade *sempre* dessa ordem. Contudo, é fundamental ao pretense “bom funcionamento” da máquina (para se garantir a ideia de norma) que aqueles corpos que se fazem radicalmente marcar como desviantes e que não podem se conter ou ficar “no armário”, sejam rechaçados a qualquer custo e apontados como “anormais”, para que se possa construir uma ideia de normalidade ou normatividade mediana.

É nesse momento que se torna fundamental a ressignificação do desvio como potência, para que esses corpos anômalos sejam vistos contrassexualmente como possibilidade de resistência e desmontagem da hetero-máquina. Em “multidões queer”, Preciado diz:

As minorias sexuais tornam-se multidões (...) É preciso admitir que os corpos não são mais dóceis. 'Desidentificação' (para retomar a formulação de De Lauretis), identificações estratégicas, desvios das

19 Preciado, Beatriz. Multidões *queer*: notas para uma política dos anormais. In: Revista Estudos feministas, vol. 19, no. 1. Florianópolis. Jan/Apr. 2011. O texto, dedicado à memória de Wittig, encontra-se disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000100002/18390> (referido como MQ).



tecnologias do corpo e desontologização do sujeito da política sexual são algumas das estratégias políticas das multidões *queer*. Desidentificação surge das 'sapatas' que não são mulheres, das bichas que não são homens, das trans que não são homens nem mulheres. Desse ponto de vista, se Wittig foi retomada pelas multidões *queer*, é precisamente porque sua declaração segundo a qual 'as lésbicas não são mulheres' é um recurso que permite opor-se à desidentificação, à exclusão da identidade lésbica como condição de possibilidade de formação do sujeito político do feminismo moderno. Identificações estratégicas. As identificações negativas como 'sapatas' ou 'bichas' são transformada em possíveis lugares de produção de identidades resistentes à normalização, atentas ao poder totalizante dos apelos à 'universalização' (MQ).²⁰

Podemos, então, a partir dessa nomeação pontual feita aqui a Wittig, ver como toda a denuncia da falha hetero-máquina constante no *Manifesto*, deve-se às teorias do corpo lésbico que, em seu confronto com o corpo *straight*, dá-se sob a forma de uma “brincadeira ontológica” (termo tão interessante que Preciado retira de *The straight mind*²¹) que consiste na recitação subversiva, paródica e prostética do código sexual que se apresenta falsamente como transcendental. “A identidade homossexual”, Preciado exemplifica, “é um acidente sistemático produzido pela maquinaria heterossexual, e estigmatizado como antinatural, anormal e abjeta em benefício das práticas de produção do natural” (MC 30). A contra-construção da identidade homossexual, portanto, através de suas inversões e deslocamentos²², tem apenas – o que é muito – o poder de evidenciar

20 Interessante sublinhar aqui que essa estratégia de resignificação do *queer* aparece bem antes em *Bodies that matter*, quando Butler, no capítulo final (“Critically queer”), parafraseando o duplo gesto de inversão e deslocamento, necessário à desconstrução da metafísica, mostra como o termo “*queer*” perde seu lugar de xingamento e ganha sua positividade performativa.

21 Wittig, Monique. *The straight mind and other essays*. Boston: Beacon Press, 1992, p. 97.

22 É importante aqui sublinhar que “inversão” e “deslocamento” são o que caracterizam o que Derrida chama de o “duplo gesto” da desconstrução. Para entender melhor esse movimento fundamental à “estratégia geral da desconstrução”, remeto a *Posições* (Derrida, Jacques. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, pp. 46-54) e ao capítulo “A an-arquitetura da desconstrução”, de meu *Derrida e o labirinto de inscrições*, no qual busco expor tal economia do pensamento derridiano (Porto Alegre: Zouk, 2008).



o caráter artificial e nada fundador de toda sexualidade, inclusive e sobretudo a hétero: “É possível inverter e derivar (modificar o curso, mudar, submeter à deriva) suas práticas de produção da identidade sexual” (MC 30), justamente através das notáveis brincadeiras ontológicas como as que propõe Wittig. Tais “imposturas orgânicas” ou “mutações prostéticas” da falsa transcendentalidade da norma são o que há de mais potente nas “aberrações” como a bicha, o travesti, a drag queen, a lésbica, a sapa, a caminhoneira, a butch, a machona, a bofinho, as trangêneras, as F2M e os M2F e tantos outros personagens de carne e látex que são invocados no *Manifesto*.

*

Para encerrar esse fragmento, apenas como provocação ou auto-provocação para um estudo ainda por vir, caberia aqui nomear alguns outros *homo-corpos* presentes no Frankenstein de Preciado: o terror anal, de Guy Hocquenghem²³, a homossexualidade molecular, de Deleuze e Guatarri²⁴, o ânus solar de Ron Athey²⁵, os quais ecoam o corpo

23 Cf. Preciado, Beatriz. “Terror anal”, Posfácio à tradução para o espanhol do livro *El deseo homosexual*, de Guy Hocquenghem (Buenos Aires: Melusina, 2009).

24 Cf. “Da filosofia como modo superior de dar o cu” (MC 173-196).

25 Logo em seguida aos princípios da sociedade contrassexual, composta de 13 artigos e do modelo de contrato contrassexual proposto, e antes mesmo de chegar à parte das “teorias contrassexuais”, uma pequena e divertida parte se dedica ao que Preciado chama de práticas de inversão contrassexual, que seria, por assim dizer, a aplicação prática da lógica do dildo. São elas três: 1. o ânus solar de Ron Athey (encontro de um dildo sobre sapatos com salto agulha, seguido de autopenetração anal); 2. masturbar um braço (encontro de um dildo sobre um antebraço); e 3. como fazer um dildo-cabeça gozar (citação gráfica de um dildo sobre uma cabeça). Com relação à primeira, resalto a importância das performances e da *body art* do final dos anos oitenta e noventa no trabalho de Preciado. Cf. MC 53-57. Contudo, faço um pequeno parêntese para sublinhar que toda a performance se inicia com a exibição de um filme, no qual o performer se encontra de quatro, com “o olho do cu aberto em direção à câmera”. E um sol negro é tatuado ao redor de seu ânus. Não poderíamos pensar aqui em como o exemplo de Derrida, de um homem que tatua uma mulher enquanto a engravida, é aqui totalmente dildotecnonizado, mostrando um homem, que entrará de salto alto e cintaliga, com o cu tatuado, injetando um líquido tóxico em seu pênis até deformá-lo, maquiando-se com seu próprio sangue pelas longas agulhas que crava na pele, coroando-se com espinhos e autodildando-se



sem órgãos de Artaud e a história do olho de Bataille – todos esses poderiam, e deveriam, estar aqui presentes, como partes desse todo que não se fecha em um, e permanece, pois deve aliás sempre permanecer, aberto.

Apenas como indicação do debate, no âmbito do *Manifesto*, remeto à tríplice e paródica indicação das práticas contrassexuais, que consistem na utilização dos dildos, a erotização do ânus e as relações de contrato sadomasoquistas. Com relação ao ânus, tendo mostrado a importância da criação da identidade homossexual como deslocamento do discurso da contranatureza, Preciado, ainda no início do *Manifesto*, cita Deleuze e Guatarri como aqueles que primeiramente denunciaram a exclusão de certas partes do corpo daquilo que pode ser considerado como “órgão sexual” (“mais particularmente o ânus; como Deleuze e Guatarri mostraram, 'o primeiro de todos os órgãos a ser privatizado, colocado fora do campo social' (O anti-Édipo²⁶). (...) A arquitetura do corpo é política”). Assim os “trabalhadores do ânus” são incluídos no conceito de *wittigs* por desenvolverem um intenso trabalho de “desconstrução contrassexual” por três razões: 1. o cu representa, ao contrário do processo de genitalização (binária e hierarquizante) do sexo, um centro erótico universal; 2. o cu é uma “zona primordial de passividade”, desconstruindo assim o privilégio daquele que, na relação sexual, insiste na mera atividade (seja homem ou mulher, homo ou hetero, trans ou cis); 3. o cu empreende um trabalho sempre tecnológico, pois nunca estará atado à falsa conexão entre sexo-natureza-reprodução e será sempre

interruptamente com os saltos de seus sapatos? Não creio poder haver nenhum exemplo mais hiperbolicamente contrassexual.

26 Deleuze, Gilles e Guatarri, Félix. *O anti-Édipo*. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 189.



avesso a qualquer possibilidade de romantização nas relações sexuais: “Pelo ânus, o sistema tradicional da representação sexo – gênero *vai à merda*” (MC 32).

*

Fragmento três: corpos tecnológicos

Me llaman la Agrado, porque toda mi vida sólo he pretendido hacerle la vida agradable a los demás. Además de agradable, soy muy auténtica. Miren qué cuerpo, todo hecho a medida: rasgado de ojos 80.000; nariz 200, tiradas a la basura porque un año después me la pusieron así de otro palizón... Ya sé que me da mucha personalidad, pero si llego a saberlo no me la toco. Tetas, 2, porque no soy ningún monstruo, 70 cada una pero estas las tengo ya superamortizadas. Silicona en labios, frente, pómulos, caderas y culo. El litro cuesta unas 100.000, así que echar las cuentas porque yo, ya las he perdido... Limadura de mandíbula 75.000; depilación definitiva en láser, porque la mujer también viene del mono, bueno, tanto o más que el hombre! 60.000 por sesión. Depende de lo barbuda que una sea, lo normal es de 2 a 4 sesiones, pero si eres folclórica, necesitas más claro... bueno, lo que les estaba diciendo, que cuesta mucho ser auténtica, señora, y en estas cosas no hay que ser rúcana, porque una es más auténtica cuanto más se parece a lo que ha soñado de sí misma. (Almodóvar, Monólogo de Agrado)

O genial monólogo apresentado em *Todo sobre mi madre* pela personagem Agrado, uma travesti tipicamente almodovariana, poderia ser suficiente para, apenas ele, indicar a precariedade do título desse fragmento, já que, no fundo, o que Preciado indica em seu *Manifesto* é que todos os corpos são artificiais, frutos de uma tecnocultura. Mas ainda assim eu gostaria aqui de fazer uma breve apresentação de alguns aspectos do pensamento de duas autoras que influenciam muito Preciado a pensar a artificialidade da carne e a relação entre corpo e prótese: Haraway e Butler. A primeira, influenciando definitivamente a obra de Preciado com seu *Manifesto ciborgue* e a segunda, marcando profundamente a contrassexualidade com *Gender trouble* e *Bodies that matter*. Por uma



razão meramente estratégica, não seguindo nenhuma ordem das razões necessária, começar por pensar, em primeiro lugar, o corpo trans ou drag parece ser interessante para início de conversa. E em seguida, então, podemos pensar a relação entre o metal e a borracha, nessa mudança epistemológica dos anos 80 aos 2000 que marca a passagem de Haraway a Preciado.

*

Bodies that matter, cujo título é intraduzível, pretende apontar à materialidade, à densidade do corpo, como resposta às críticas recebidas por seu *Gender trouble* por ele permanecer ainda preso à noção de gênero, que seria cultural, discursivo e que, por isso, não alcançaria os corpos existentes em sua concretude. Por isso, o livro começa com o seguinte anúncio: “Eu comecei a escrever esse livro tentando considerar a materialidade do corpo apenas para descobrir que o pensamento da materialidade invariavelmente me levou para outros domínios”²⁷, e termina seu prefácio com a seguinte ideia: “Esse texto se oferece, então, em uma parte, a repensar algumas partes de *Gender trouble*²⁸ que causaram confusão, mas também como um esforço para pensar mais a fundo o funcionamento da hegemonia heterossexual na elaboração de matérias sexuais e políticas” (BM X).

Duas das epígrafes de sua introdução, de autoria, respectivamente, de Haraway e Derrida (“Porque nossos corpos terminam na pele, ou incluem, na melhor das hipóteses,

²⁷ Butler, Judith. *Bodies that matter*. New York: Routledge. 2011, p. VIII (Referido como BM).

²⁸ Em português: *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.



seres encapsulados pela pele”, do *Manifesto ciborgue*, e “Não há natureza, só os efeitos da natureza: desnaturalização ou naturalização”, de *Donner le temps*), podem servir de mote para exemplificar essa preocupação de Butler em afastar-se de qualquer ideia de natureza e pensar a materialidade do corpo em sua artificialidade. Esta *densa* obra de Butler interessará a Preciado especialmente no que concerne a dois capítulos em especial, centrais à herança *queer* do *Manifesto*: em primeiro lugar, o capítulo “*Gender is burning: questions of appropriation and subversion*” traz as brilhantes análise que Butler empreende do filme “*Paris is Burning*”, de 1991, dirigido e produzido por Jennie Livingston, sobre os bailes *drag* no Harlem no final da década de 80 e início dos anos 90. As análises de Butler dedicadas a uma *drag* em especial, Venus Xtravaganza (e deixamos por hora em suspenso se o termo *drag* é aqui o mais adequado) serão valiosas para o capítulo “Breve genealogia do orgasmo ou o vibrador de Butler” do *Manifesto*. E seu capítulo final, “Critically queer”, marcará não apenas o *Manifesto*, pelas análises que Butler empreende do uso estratégico do termo *queer*, como, poderíamos afirmar, a obra de Preciado como um todo. Contudo, como pretendo aqui pensar brevemente o impacto do corpo *drag* de Butler na obra de Preciado, preciso ater-me às *xtravaganzas* analíticas de Butler e Preciado, como metáfora ou metonímia da relação entre seus pensamentos.

Desde as primeiras páginas do *Manifesto*, Preciado afirma a importância das análises das identidades performativas para a contrassexualidade. As análises dos atos de fala performativos de Austin, tal como empreendida por Derrida²⁹, *ganham peso*

29 Cf. Derrida, Jacques. “Assinatura acontecimento contexto”, in: *Margens da Filosofia*. Campinas: Papirus: 1991.



significativo quando Butler utiliza a noção de performatividade para a “virada ao avesso” que a linguagem *queer* faz na linguagem hegemônica, apontando sua força política que parte da abjeção à autodenominação (MC 27-28, TY 64). Contudo, as análises de Butler, segundo Preciado, *perdem densidade* justamente quando se apoiam na ideia de que o gênero seria simplesmente performativo, resultante das práticas culturais, linguísticas e discursivas. Para Preciado, “o gênero é, antes de tudo, prostético, ou seja, não se dá senão na materialidade dos corpos. É puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico. O gênero se parece com o dildo” (MC 29).

De acordo com as crítica que o *Manifesto* apresenta com relação a *Bodies that matter* (o que parece irônico, pois as advertências de Preciado à falta de materialidade nas análises de Butler dirigem-se exatamente ao texto no qual seu objetivo seria o de revisitar seu *Gender trouble*, mostrando o corpo em seu aspecto concreto), essa compreensão parcial do gênero parece berrante nas análises que Butler empreende do filme de Livingston. As observações de Preciado com relação ao “caso Venus Xtravaganza”, aparecem no capítulo das teorias contrassexuais, quando ela situa a *second-wave feminism* com relação ao ultrapassamento que esta empreende da *História da sexualidade* de Foucault, sublinhando que o esforço de Butler seria, para Preciado, o “mais interessante dos últimos anos” (MC 91).

Não obstante sua “interessância”, certas figuras utilizadas para as análises da teoria performativa de Butler, em especial a da *drag-queen*, são especificamente o que mostram os limites de *Bodies that matter*. Ainda que o sucesso de Butler parta “da eficácia com que a performance da drag queen lhe permitiu desmascarar o caráter imitativo do



gênero” (concluindo que “a heterossexualidade é uma paródia do gênero sem original na qual as posições de gênero que acreditamos naturais (masculinas ou femininas) são o resultado de imitações submetidas a regulações, repetições e sanções constantes”, MC 91-92), ela, mesmo com seus esforços de 1993, permanece reduzindo as identidades – inclusive as *queer* – a um efeito discursivo, ou seja, a um nível não suficientemente material. E isso por não levar em consideração em suas análises as “formas de incorporação” específicas das identidades performativas, colocando “entre parênteses”, dessa maneira, a materialidade implicada nas práticas de imitação e os efeitos corporais que emergem de todo o processo performativo.

Desse modo, por exemplo, em *Bodies that matter*, ela utiliza o caso de Venus Xtravaganza, uma das protagonistas do documentário *Paris is burning*, sem levar em conta que Venus já iniciou um processo de transexualidade prostética, e que vive de um trabalho de prostituição sexual no qual utiliza tanto seus seios de silicone como seu pênis “natural”, esquecendo finalmente que Venus não é um(a) cidadão(ã) branc(a) american(a), e sim um travesti de cor e de origem latina. (MC 92-93).

Apoiada no exemplo de Venus, Preciado aponta os limites políticos da noção de gênero butleriana, que acabam por ignorar o processo técnico-político-carnal ao qual esses *wittigs* são submetidos em suas performances. A ausência de referências a esses aspectos radicalmente materiais, que são aquilo que culminam no assassinato de Venus por um de seus clientes, mostra que as análises de Butler não alcançam a crueza e a violência da realidade e não possibilitam uma radical crítica dos “processos tecnológicos de inscrição” das performances. Para Preciado, é exatamente a impossibilidade de *passar*



por mulher, americana ou branca que leva Xtravaganza à morte, e seria, por essa razão, “que as comunidades transgênero e transexuais americanas vão ser as primeiras a criticar a instrumentalização da performance da drag queen na teoria de Butler como exemplo paradigmático da produção de identidade performativa” (MC 93).

Butler, nesse sentido, como eu mesmo já me seduzi outras vezes³⁰, atém-se à figura da *drag queen* por ela representar mais do que ninguém a inversão e o deslocamento que a metáfora empreende com relação ao conceito, a escrita com relação à fala: o artificial ou o “como se” do vestir-se e do travestir-se. Contudo, o exemplo que Preciado tomado aqui como metonímia de sua relação com Butler, faz (-nos) ver que é necessário um olhar mais atento aos aspectos socioeconômicos e étnico-raciais que marcam a *sexopolítica*. Acolhendo tal crítica a Butler, por acreditar que ela pode ser direcionada também a alguns escritos meus, a *entrada em cena* da contrassexualidade marca a urgência de nos atentarmos aos processos corporais e às transformações prostético-hormonais, ou seja, *farmacopolíticas*, dos corpos *trans* como hipérboles (e, por isso, o aspecto de maior abjeção e de violência sofrida, devido à sua *impassabilidade*) para se pensar “as técnicas de estabilização do gênero e do sexo que operam nos corpos heterossexuais” (MC 93).

30 Sem querer comparar, de modo algum, qualquer escrito meu com as brilhantes e complexas análises de *Bodies that matter* (sobretudo, porque eu nunca ousei tematizar tais questões de modo direto), indico aqui, como exemplo, os limites de um apontamento que faço logo no início do capítulo “O sentido ‘próprio’ da escritura como a metaforicidade mesma”, de meu *Para um pensamento úmido – a filosofia a partir de Jacques Derrida* (Rio de Janeiro: Nau Ed., 2011). Ali também pareço me entusiasmar demais (talvez animado demais devido a uma conversa com que tivera naquela época com Gianni Vattimo), no que diz respeito à figura da *drag queen* e proponho toma-la como alegoria-mor da própria metaforicidade da escritura, pela artificialidade, distanciamento e diferenciação de seu movimento de “*to dress as*”. Entretanto, a epígrafe do monólogo de Agrado, que lá também encabeçou meu texto, parece, diante das críticas de Preciado às (bem mais pertinentes) análises de Butler de Venus Xtravaganza, ter seu caráter de “artificialidade carnal” assustadoramente subaproveitado.



É preciso, pois, desconstruir a oposição entre “sexo” e “gênero”, que acaba por sustentar mudamente as oposições “natureza” e “cultura” ou “natural” e “artificial” e que impedem de se pensar *contrassexualmente* as paradigmáticas “tecnologias de transincorporação”:

Clitóris que cresceram até se transformarem em órgãos sexuais externos, corpos que mudarão ao ritmo de doses hormonais, úteros que não procriarão, próstatas que não produzirão sêmen, vozes que mudarão de tom, barbas, bigodes e pelos que cobrirão rostos e peitos inesperados, dildos que terão orgasmos, vaginas reconstruídas que não desejarão ser penetradas por um pênis, próteses testiculares que ferverão a cem graus e que poderão, inclusive, ser fundidas no microondas... (MC 94)

Tecnologias estas que marcarão profundamente o *empirismo radical* de Preciado, mostrando que a contrassexualidade não pode se restringir a um pensamento e que sua escrita, portanto, deve ser feita no “próprio” corpo (entre aspas, pois se tudo é artifício, a propriedade soçobra) que pensa e escreve. *Mit-T-sein incipit*.

*

Diferente das críticas apresentadas a Butler, as referências a Donna Haraway parecem ser de tal modo bem recebidas por Preciado que parece difícil indicar com precisão a influência do primeiro manifesto no segundo. Talvez, trate-se apenas de uma questão de maleabilidade, na qual o material duro e denso do ciborgue ganha a plasticidade do dildo de borracha. Tal mudança de acento parece patente na concepção de “pós-humano” que Preciado apresenta: “a 'Natureza Humana' não é senão um efeito de negociação permanente das fronteiras entre humano e animal, corpo e máquina (Donna Haraway),



mas também entre órgão e plástico” (MC 23). Creio, portanto, que compreender esse “mas também”, que grifo nas palavras de Preciado, seja o mais importante para que se compreenda como o corpo metálico se plastifica na letra contrassexual. Vejamos como essa “negociação de fronteiras” aparece nas palavras de Haraway:

Quero assinalar, agora, três *quebras de fronteiras* cruciais. (...) Na cultura científica estadunidense do final do século XX, a fronteira entre o humano e o animal está completamente rompida. (...) O ciborgue aparece como mito precisamente onde a fronteira entre o humano e o animal é transgredida. Longe de assinalar uma barreira entre as pessoas e os outros seres vivos, os ciborgues assinalam um perturbador e prazerosamente estreito acoplamento entre eles. (...) A segunda distinção sujeita a vazamentos é aquela entre o animal-humano (organismo), de um lado e a máquina, de outro. (...) As máquinas do final do século XX tornaram completamente ambígua a diferença entre o natural e o artificial, entre a mente e o corpo, entre aquilo que se autocria e aquilo que é extremamente criado, (...) nossas máquinas são perturbadoramente vidas e nós mesmos assustadoramente inertes. (...) A terceira distinção é um subconjunto da segunda: a fronteira entre o físico e o não-físico é muito imprecisa para nós. (...) Os dispositivos microeletrônicos são, tipicamente, as máquinas modernas: eles estão em toda parte e são invisíveis.³¹

Essa “passagem das fronteiras”³², como diria Derrida, é crucial para a concepção de corpo tal como aparece no *Manifesto contrassexual*, e talvez seja por essa razão que, segundo Preciado, “O *Manifesto ciborgue* de Donna Haraway marca uma feliz virada no feminismo, ou, mais exatamente, inicia uma guinada pós-feminista ao passar da

31 Haraway, Donna J. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. In: *Antropologia do ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, pp. 40-43 (Referido como AC).

32 *Le passages des frontières* foi o segundo Colóquio realizado em Cerisy em homenagem à obra de Derrida – e o que interessa aqui sublinhar é que o encontro situa-se entre *Os fins do homem* e *O animal autobiográfico*, ultrapassando assim a fronteira entre a crítica do humanismo rumo ao pensamento dos animais.



demonização da tecnologia para seu investimento político” (MC 166), o que coincidiria com a passagem do robô (marca do capitalismo industrial) ao ciborgue (capitalismo global). Preciado, como muitos de nós que cresceram na década de oitenta, não tem como não se deixar fascinar pela grande mitologia da época, que embasava uma estética, uma ética e uma política ciborgue (dos replicantes de *Blade runner* até o Terminator e Doug Quaid, dos sintetizadores de Vangelis a New order a Kraftwek etc.). Porém, impressionantemente atenta às transformações e fluidificações que se dão, tanto no capitalismo como na arte, na cultura e na política ao longo das últimas três décadas, Preciado parece adaptar o mito harawayiano à (in)consistência de nossos dias. Nesse sentido, para compreender aquele *mas também* ao qual me referi logo acima, é interessante uma pequena pausa sobre o quarto capítulo do Manifesto *Contrassexual*, a saber, “Tecnologias do sexo”.

No momento em que Preciado apresenta a tese de que o sexo é da ordem tecnológica, Haraway parece oferecer o grande apoio à desconstrução de qualquer aspecto natural/antropológico do humano³³. A desconstrução da visão antropológica da tecnologia como o aquilo que estruturaria as espécies (humano/não humano), os gêneros (masculino/feminino), as raças (branca/negra) e a cultura (desenvolvidos/primitivos), mostra como tal binarismo preserva as hierarquias e garante à filosofia (do) ciborgue um papel fundamental como um pensamento *efetivamente político*.

33 Cf. MC 147-151.



De fato, desde o início de seu manifesto, Haraway destaca que o ciborgue é “um mito político” (AC 35). Destacando a anfibolia do caráter *mitopolítico* de sua teoria, encontram-se preciosas definições para um pensamento contrassexual, como as que dizem que “um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção”, que “o ciborgue é uma matéria de ficção e também experiência vivida” e que tal “fronteira entre ficção científica e a realidade social é uma ilusão ótica” (AC 36). O mito do ciborgue, então, teria como objetivo representar a “guerra de fronteiras” que é a relação entre o orgânico e o inorgânico, como condição de possibilidade para o ultrapassamento de quaisquer fronteiras concernentes ao corpo. “Esse ensaio é a favor do *prazer* da confusão de fronteiras”, diz Haraway, mas acrescenta que não se trata apenas de prazer, mas também “da *responsabilidade* em sua construção” (AC 37). Prazer e responsabilidade, portanto, para *ver* e *fazer ver* a precariedade dos limites e forçar ao pensamento, de modo perverso, parcial e irônico (AC 39), alcançar o mundo “pós-gênero” que o ciborgue desde sempre, desde sua origem protética, habita (AC 38).

É por esse motivo, que, ao tratar das chamadas “próteses de gênero”, Preciado, no referido capítulo sobre as tecnologias do sexo, volta a acionar Haraway como aliada na guerra da contrassexualidade contra a natureza. Para Preciado, como ela deixa mais claro ainda em *Testo yonqui*, a substituição da noção foucaultiana de “biopoder” pela de “tecnobiopoder”, como faz Haraway, torna seu pensamento uma das formas mais inteligentes de se pensar o corpo do século XXI (TY 42). A “tecnoecologia” de Haraway implode irreversivelmente as distinções entre sujeito e objeto, entre natural e artificial e



entre vivo e morto e propiciam, com isso, um novo pensamento da sexualidade, pois, como afirma Haraway, o ciborgue não tem nenhum comprometimento com o binarismo sexual (AC 38). Por essa razão, Preciado celebra o mito ciborgue como aquela “feliz virada do feminismo” ou “guinada pós-feminista” que, mesmo anterior à obra de Butler, pode ser ainda mais atual para se pensar a política dos corpos.

“O ciborgue é texto, máquina, corpo e metáfora – ele todo teorizado e integrado na prática como comunicação”³⁴. Eis alguns exemplos de tecnologia ciborgue biossocial que deveriam ser objeto de um estudo contrassexual: o dildo que goza, as pessoas que vivem com Aids, os hormônios, as pessoas transgêneras, as drogas, o sexo virtual, o corpo transexual... (MC 167)

Talvez, por fim, essa complementação que Preciado faz da sentença de Haraway possa exemplificar aquele “mas também” que marca a relação dos dois manifestos desde o início. Sim, seguindo Haraway, “já somos ciborgues que incorporam próteses cibernéticas e robóticas. Não há volta” (MC 167). Além disso, a filósofa americana mostra que não pode haver nem “sim” nem “não”, nem otimismo nem pessimismo, em um pensamento da tecnologia: “as bio e cibertecnologias contemporâneas são, ao mesmo tempo, o resultado das estruturas de poder e os possíveis bolsões de resistência a esse mesmo poder; de uma forma ou de outra, um espaço de reinvenção da natureza” (MC 168). *Mas também*, para além da reprodução artificial e das tecnologias do sexo e do gênero, a contrassexualidade precisa dar um passo ainda mais radical quanto às formas

34 Haraway, Donna. *Simians, Ciborgues and Women. The Reinvention of Nature*. New York: Routledge, 1991, p. 212.



de relação corporal e incluir como objeto de sua *pornotopia* todas as formas do promíscuo, do pornográfico, do vulgar e de tudo aquilo que constrange e faz tremer a *straight* sexualidade burguesa. É preciso invocar a amoralidade, a sujeira, os monstros do submundo, os anormais *et caterva*.

*

Fragmento quatro: corpos depreciados

Escrevo a partir da feiura e para as feias, as caminhoneiras, as frígidas, as mal comidas, as incomíveis, as histéricas, as taradas, todas as excluídas do grande mercado da boa moça. (...) Como mulher, sou mais King Kong do que sou Kate Moss. Sou esse tipo de mulher com quem não se casa, com quem não se faz filhos; falo desse meu lugar feminino sempre de maneira excessiva, muito agressiva, muito barulhenta, muito gorda, muito brutal, muito peluda, sempre muito viril, como me dizem. (...) Porque o ideal de mulher branca, sedutora mas não puta, bem casada mas não nula, que trabalha mas sem tanto sucesso para esmagar seu homem, magra mas não neurótica com a comida, que continua indefinidamente jovem mas sem se deixar desfigurar por cirurgias plásticas, uma mamãe realizada que não se deixa monopolizar pelas fraldas e pelos deveres de casa, boa dona de casa sem virar empregada doméstica, culta mas não tanto como um homem; essa mulher branca e feliz, cuja imagem nos é esfregada o tempo todo na cara, essa mulher com a qual deveríamos nos esforçar para parecer (...), devo dizer que jamais a conheci, em lugar algum. Acredito até que ela nem mesmo exista.³⁵

Como uma tentativa de conclusão a estas páginas, como uma dildagem *interruptus* prostética, não há como não tentar (não) responder à questão “Que corpo é esse de Preciado?”, ou que *corpos depreciados* seriam esses que escapariam sempre ao conceitual, é certo, mas cujo pensamento, de algum modo, conduz Preciado a “certa forma de

35 Desportes, Virginie. *Teoria Kink Kong*. São Paulo: n-1, pp. 7-11.



materialismo ou empirismo radical *queer*” (MC 95) contra “uma filosofia nacional, pura e *straight*”³⁶ – a da sexualidade heterotranscendental. A pista é dada, como cheguei a aludir em outro lugar³⁷, quando no *Manifesto*, ele/ela diz que “ser 'dildo-sapa' não é uma identidade sexual entre outras (...), e sim a última identidade possível” (MC 86), apontando, então, à reflexão filosófica sobre sua autoexperimentação ou brincadeira ontológica de “si”, assinando assim seu *Ecce trans*, no surpreendente livro que publica em seguida, *Testo Yonqui*.

E como também não relacionar esse empirismo radical ou *testosofia* com o encontro que se dá, ao mesmo tempo, com a testosterona, “o diabo em um gel transparente” (TY 120), seu “*Mit-T-sein*” ou “ser-com-a-testosterona”, e com Virginie Despentes? Como não tentar (não) responder a questão sem pensar nesse cruzamento de corpos depreciados, *punk-rocks* e pensantes e o profundo impacto que esse encontro provocará em duas obras seguintes: *Texto yonqui* e *Teoria King Kong*? Que corpo é esse de Preciado?

A testosterona não modifica radicalmente a percepção da realidade, nem o sentido da identidade. (...) Sempre fui um corpo andrógeno e as microdoses de testosterona que me administro não mudam essa situação. Sem embargo, produzem mudanças sutis mas determinantes em meu afeto, na percepção interna de meu próprio corpo, na excitação sexual, no meu cheiro corporal, na resistência ao cansaço. (TY 120)

36 Cf. Preciado, Beatriz. Entrevista com Jesús Carrillo, p. 17.

37 Cf. Meu referido texto “Quando as asas se tornam tesouras: Preciado sobre Derrida sobre Nietzsche”.



Nesse momento de vir-a-ser-artificialmente-o-que-se-é, como Píndaros pós-modernos, esses dois corpos depreciados se encontram, a dildo-sapa e o king kong, e seus corpos e pensamentos se deixam marcar. “O corpo de V.D. entra para formar parte do contexto experimental”, como afirma o capítulo homônimo (TY 75-88), e entre o louco desejo sexual, as drogas, os filmes e os livros, o depreciado encontro parece mostrar que, contrassexualmente, aquilo que podemos chamar de “prótese de amor” ou qualquer outro fetiche em torno desse nome, também é farmacologicamente possível, e esses corpos abjetos, *queers*, *wittigs*, no “tropismo” de seus corpos (TY. 15), podem se relacionar de modo muito mais radicalmente político, desmoldando-se, descunhando-se, remoldando-se, recunhando-se em tantas possíveis contrarrelações.

Não é por acaso que, em sua fábula, não havendo príncipes nem princesas, ao invés de “era uma vez”, porque as vezes são muitas e (ainda que de modo diferente) repetem-se, Preciado apresenta-se dessa maneira:

Esse livro não é uma autoficção. Trata-se de um protocolo de intoxicação voluntária à base de testosterona sintética que concerne ao corpo e aos afetos de B.P. É um ensaio corporal. Uma ficção, é certo. Em todo caso, e se for necessário levar as coisas ao extremo, uma ficção política ou uma autoteoria. (TY 15).

Grifando, com tesouras, agulhas, gel e látex, o que seria, portanto, uma forma radical de experimentar (-se), com e através de outros corpos depreciados. Preciado, assim, marca, ao deixa-se marcar, talvez, uma das experiências mais radicais de pensamento com a qual me deparei até hoje – e que, invejosamente, admiro.



*

Apêndice: ABCDxs corpos depreciadxs ³⁸

As barulhentas, as bibas, as bichas, as bofinhos, as *butchs*, as caminhoneiras, as complicadas, as *drag queens*, as F2M, as fanchas, as feias, as frígidas, as gordas, as histéricas, as incomíveis, as lésbicas, as loucas, as machonas, as mais desejantes do que desejadas, as mal-comidas, as mulheres brutais, as mulheres de buceta sempre seca, as não vendidas, as putinhas, as putonas, as que dão medo, as que estão acabadas, as que gostam de beber nos bares até caírem no chão, as que não dão a mínima para os caras mas se interessam por suas amigas, as que não ganham presentes dos homens, as que não gostam de cosméticos, as que não provocam inveja, as que não sabem dizer não, as que não sabem manter as aparências, as que não sabem proteger, as que não sabem se comportar, as que não sabem se vestir, as que não têm nada que as proteja a não ser elas mesmas, as que provocam pena, as que quebram tudo o que encontram pela frente, as que querem mostrar tudo, as que querem usar roupas masculinas e barba na rua, as que queriam ser homens, as que são barrigudas, as que são indiferentes aos filhos, as que são muito feias para se vestirem como gostosonas mas que morrem de vontade de fazê-lo, as que são presas para que possam ser domesticadas, as que são pudicas por serem complexadas, as que sonham em ser atrizes pornô, as que sonham fazer um *lifting*, uma lipoaspiração, uma plástica no nariz mas não têm dinheiro, as que têm a cabeça raspada,

38 Aqui são recortadas e coladas algumas das “brincadeiras ontológicas” que se encontram, entre tantas outras, no *Manifesto Contrassexual* e na *Teoria King Kong*. Citamos estes apenas para elencar alguns dos muitos *corpos depreciados* que desmascaram a norma em sua performatividade encarnada e desviante. *I.e.*, Todxs nós.



as que têm a pele flácida e a cara cheia de rugas, as que têm bunda grande, as que têm dentes podres, as que têm medo de cheirar mal, as que têm pelos duros e bem pretos e que não se depilam, as que transariam com qualquer pessoa que as quisesse, as que usam batom excessivamente vermelhos, as saídas, as saps, as taradas, as transgêneras, as viris, os carecas, os hermafroditas, os hermafrodykes, os intersexuais, os M2F, os muito pobres para reclamar, os que choramingam à vontade, os que de noite, sozinhos, têm medo, os que gostariam de ser protetores mas não sabem como, os que não entram em disputa, os que não querem que a gente conte com eles, os que não são ambiciosos nem competitivos, os que não são bem dotados ou agressivos, os que não sentem vontade de serem protetores, os que praticam *fist-fucking*, os que preferem cuidar da casa a sair para trabalhar, os que são delicados, os que têm medo, os que têm vontade de dar o cu, os S&M, os tímidos, os trabalhadores do cu, os travestis, os vulneráveis, *ad eternum*.

